

A sintaxe da língua em Benveniste: questões metodológicas

Silvana Silva*



Resumo – Este trabalho tem por objetivo estudar a concepção de sintaxe da língua em Benveniste (1988, 1989). Para tal, elegemos o estudo de um texto de cada uma das seções que integram seus *Problemas de Linguística Geral I e II*, a fim de demonstrar a tese de que *o estudo da sintaxe é o estudo da língua*. Chegamos à conclusão de que a sintaxe em Benveniste é um nível integrador: com a cunhagem do termo *derivação sintática*, ele une definitivamente léxico, morfologia e sintaxe, constituindo uma relação morfológico-sintático-semântica. Observamos ainda a presença de uma análise estruturalista, a saber, o estudo de um fenômeno qualquer requer uma definição de *identidade* e uma de *diferença*. Com isso, um fenômeno sempre se desdobra em dois, assim como uma palavra sempre se desdobra em duas partes ou em duas palavras.

1 Introdução

Neste trabalho pretendemos percorrer a obra de Benveniste em busca de sua concepção de sintaxe da língua.

Portine (1997, p. 92), a partir de estudo da *sintaxe geral* nos textos *Problemas de linguística geral I e II* (doravante PLG I e PLG II) de Benveniste, diz que a língua, nesse autor, é tripartida em *me-ri-sma*, *signo* e *frase*, por oposição à língua na abordagem gerativa, que é multipartida. Se essa afirmação for correta, três implicações daí decorrem: (1^ª) a frase marca a passagem da língua à enunciação, pertencendo, portanto, às duas instâncias; (2^ª) a frase é concebida como unidade em que o signo prevê virtualmente sujeito e

* Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
e-mail: silvana_silva99@yahoo.com

predicado, havendo, portanto, relações sintagmáticas *in absentia*;¹ (3ª) o estudo da língua depende de seu emprego, isto é, de suas relações sintagmáticas. Essas implicações levam-nos à seguinte hipótese: *o estudo da língua, a partir do signo, é o estudo da sintaxe da língua*. Para demonstrá-la, utilizaremos um ou dois textos de cada seção de PLG I e PLG II,² a saber, *Estruturas e análises*, *Funções sintáticas*, *O homem na língua* e *Léxico e cultura*.

Analisaremos um texto da seção *Léxico e Cultura*, seção em que não se esperaria um estudo sintático, a saber, "Difusão de um termo da cultura: o latim "orarium" (PLG II). Nesse surpreendemos a relação léxico e relações sintagmáticas e léxico e uso estilístico perpassando a análise do autor. Na seção *Funções sintáticas*, estudaremos os textos "Ativo e médio no verbo" (PLG I) e "A frase nominal" (PLG I), a fim de verificar que a concepção de frase não está pautada apenas em segmentação em categorias, mas em diferenças de função. A seguir, analisaremos um texto da seção *O homem na língua*, a saber, "Os verbos delocutivos" (PLG I), texto que parece pertencer exclusivamente à morfologia, mas que também apresenta implicações sintáticas e enunciativas. Assim, a base do verbo delocutivo é a forma sintagmática e o sentido de uma locução.

2 *Léxico e cultura: as relações sintagmáticas determinando o uso do léxico*

Nesse item, procuraremos investigar as relações do léxico com o contexto sintático e as implicações dessa relação.

No texto "Difusão de um termo de cultura: o latim *orarium*" (PLG II), Benveniste propõe-se a investigar a origem e a evolução do termo *orarium* do latim a outras línguas. O texto do Novo Tes-

¹ Tal concepção é encontrada igualmente em Bouquet (1997, p. 278) sobre Saussure. Bouquet fez um estudo exaustivo dos manuscritos de Saussure, chegando à conclusão que as dicotomias em Saussure, em especial a da língua/fala, vão perdendo força ao longo dos cursos de Saussure, fato que não se revela explicitamente na publicação. Para Bouquet, no pensamento de Saussure, pode-se conceber a existência de relações sintagmáticas na língua. Benveniste, sendo um seguidor do estruturalismo saussuriano, deve ter percebido essa concepção de língua nas entrelinhas do *Curso*.

² As seções em que se dividem os livros foram nomeadas pelo próprio autor, tal como se lê no prefácio de PLG II. Esse fato garante que a língua pode ser dividida em várias abordagens, nem que seja com base em critérios tradicionais, cuja crítica Benveniste procede de forma mais ou menos sutil, como veremos. Normand (1996, p. 131) cunha os textos de Benveniste como "textos de análise de língua" e "textos teóricos", dizendo que os primeiros trataram do estudo da estrutura da língua e os segundos, da concepção da Teoria da Enunciação. Tal dicotomia não corresponde, para nós, à realidade dos textos, tal como assinala Flores (2001, p. 30, nota 37).

tamento apresenta a palavra grega σουδαριου ("toalha, lenço") e a Vulgata a traduz para *sudarium* ("lenço para enxugar o rosto"), que é um empréstimo grego. Benveniste diz que o uso de *sudarium* em duas passagens do Novo Testamento referentes à ressurreição (João 11, 14 e João 20, 7) fez com que *sudarium* passasse a significar "pano que envolve a cabeça dos mortos". Há, no entanto, outra tradução latina mais antiga, a Itala, que utilizou *orarium*. Para Benveniste, se uma das duas formas latinas estava se impondo, o uso da outra forma deve ter razão de outra natureza. Para ele, a diferença entre elas é de *nível estilístico*: *sudarium* pertence à língua clássica; *orarium* é comum, quase vulgar. Para Benveniste, *orarium* teria encerrado sua existência se não fosse uma nova circunstância. A partir do século VI, *orarium* passou a designar a peça de fazenda que o diácono traz sobre o ombro esquerdo, sendo substituída no século XI-XII, por *stola* (estola). *Orarium* foi adotado em grego, eslavo além de algumas línguas asiáticas. Assim, *orarium* passou a designar *termo novo* fora do latim.

Com a análise de dois termos sinônimos, Benveniste mostra preocupação em analisar o *uso linguístico*: os dois termos aparecem em contextos diferenciados, logo, têm sentidos diferenciados. A sobrevivência de *orarium* no contexto religioso-cristão só foi possível graças à sua transformação em outra palavra: estola, desta vez, com sentido relacionado ao "bem falar". Essa transformação fez com que *orarium* e *sudarium* deixassem de ser sinônimas, condição essencial para a sobrevivência das duas formas. Com isso, Benveniste mostra que, se os contextos (sintagmáticos) influenciam o sentido das palavras, da mesma forma, a "designação" das palavras modifica seu contexto (sintagmático). Assim, a relação designação-contexto (sintagmático) é de dupla implicação: um eixo implica o outro *por sua vez* durante o processo de constituição do sentido.

Concluimos que, para Benveniste, em um estudo do léxico de uma língua, seja em perspectiva diacrônica ou sincrônica, a determinação unidade *palavra* depende de três fatores: forma; relações sintagmáticas, tanto internas à frase quanto externas a ela (contexto); designação. Esse último depende do contexto sintagmático e da aparição do "referente" na cultura de um povo, tal como vimos com a análise de *orarium* ('estola').

3 *Funções sintáticas: uma frase, várias funções*

Nesse item, pretendemos observar a noção de frase em Benveniste.

No texto "Ativo e médio no verbo" (PLG I), Benveniste investiga a distinção entre as vozes verbais. Para o autor, a verdadeira oposição está no par ativo-médio. Como a definição da diferença entre ativo-médio-passivo mostra-se vaga se comparadas às línguas indo-europeias, Benveniste observa essa diferença em verbos que só apresentam voz ativa e que só apresentam voz média. Comparando duas séries de verbos, o autor chega à conclusão de que, no ativo, os verbos denotam um processo efetuado a partir do sujeito e fora dele. No médio, o verbo indica um processo ao qual o sujeito é interno, sendo sua sede. Essa diferença não repousa na semântica dos verbos, dado que ambas as classes têm verbos de ação e de estado. No médio, o sujeito é o centro do processo, mesmo que o verbo exija um objeto, sendo, nesse caso, centro e ator do processo. Há, então, conversão do médio em ativo, ou, em outras palavras, do intransitivo em transitivo: "Ele dorme (médio)" para "Ele adormece alguém (ativo)". A seguir, Benveniste analisa exemplos em grego para confirmar a descrição. O autor afirma que temos, nesse caso, "realmente um ativo" e não "ausência do médio": $\delta\omega\rho\alpha \phi\epsilon\rho\epsilon\iota$ "carregar os presentes" (ativo), $\delta\omega\rho\alpha \phi\epsilon\rho\epsilon\tau\alpha\iota$ "carregar os presentes que recebeu" (médio).

Podemos dizer que a concepção de voz verbal em Benveniste não é nem puramente lexical (oposição entre formas verbais de 'ação' e de 'estado') ou semântica ("interesse do sujeito no processo"). A noção fundamental para distinguir e, conseqüentemente, conceituar a voz é a relação da desinência verbal e seu sujeito: afetamento ou não-afetamento do sujeito pelo processo verbal. A categoria de voz ganha, portanto, status sintático. Mais precisamente, podemos dizer que toda frase verbal implica processo: ora esse processo afeta o sujeito, caso da voz média; ora afeta o sujeito e o objeto, caso da voz média; ora afeta o objeto, caso da voz ativa.

Vislumbramos nesse texto o que viria a ser a teoria da análise da língua: *Níveis de análise lingüística* (PLG I). Para Portine, nesse último texto fica evidenciado que a língua é dividida em três: *merisma*, *signo* (palavra)³ e frase. No nível da frase, segundo Benveniste, "transpomos um limite" (p. 137). Entre outras características, Benveniste diz que há a frase enquanto nível e não as frases enquanto unidades de outra entidade mais alta. A frase é a entidade lingüística mais alta, possuindo sentido e referência. Se a frase não está submetida à classificação, tem um sentido constante, a saber, a

³ Em "Os níveis de análise lingüística", Benveniste não escreve *signo*, e sim *palavra*. Já em "Forma e sentido na linguagem", o autor distingue *signo* de *palavra*. Os parênteses, marcas metalingüísticas denotando uma voz em surdina, foram usados para fazer ressoar a alternância e a aproximação dessas palavras nos textos do autor.

predicação, e um sentido variável, a saber, referência. Para o teórico, em suma, há a concepção de *uma* frase, e tantas funções quantas forem suas realizações.

Essa concepção da frase não está no artigo "Ativo e médio no verbo" senão de forma sutil, dado que, nesse texto, o objetivo central do autor é estabelecer a oposição fundamental para a categoria das vozes verbais. Além disso, o autor usa a palavra *função*⁴ para designar cada uma das categorias verbais (número, pessoa, voz, etc.) e não para designar a frase como um todo. No entanto, o autor não pode deixar de assinalar várias "formas de uso" para as vozes ativa e média: (1^o) afetamento ou não do sujeito pelo processo verbal, o qual é objeto ou não da ação; (2^o) afetamento físico ou não do sujeito pelo processo verbal, o qual não é objeto da ação. Com isso, se Benveniste não assinala explicitamente as funções "ativa" e "média" para a frase, ele nem por isso deixa de comparar as duas vozes baseado em uma única concepção de frase, concepção esta, por sua vez, explícita: *asserção de um processo verbal*. É a "função" da frase o traço comum utilizado para diferenciar as vozes verbais.

No texto "A frase nominal" (PLG I), Benveniste observa que a frase nominal é definida como contendo um predicado nominal, sem verbo. A partir dessa definição, o autor estuda a oposição entre nome e verbo para caracterizar a frase nominal. Após contestar que a diferença entre verbo e nome repousa, respectivamente, sobre noções como designação de "processo" e "objeto" (semântica), ou sobre a oposição entre "marcação de tempo" e "não marcação de tempo" (morfologia), dado que as línguas que apresentam frase nominal contradizem tal classificação, Benveniste observa que o único critério para essa distinção é o sintático. Esse critério prende-se à função do verbo do enunciado. A função verbal é independente da forma verbal, embora, às vezes, coincidam. A função verbal no enunciado assertivo é dupla. Essas funções estão em planos diferentes: a função coesiva, ou a função da organização dos elementos em estrutura completa, pertence ao plano gramatical; a

⁴ Portine (1997, p. 91), a partir do texto "A frase nominal", já observara que a palavra *função* tem sentido de difícil apreensão: ora designa a forma verbal, ora o papel global interno ao enunciado e ora um papel externo ao enunciado, espécie de aplicação ao real. A nosso ver, não há "um" sentido a ser apreendido para a palavra *função* e sim os vários apontados pelo próprio Portine. Benveniste não escreveria três vezes a mesma palavra em uma frase relativamente curta se tal não designasse exatamente o que pretende escrever. Vejamos: "La fonction verbale assure une fonction cohésive et une fonction assertive" (grifos nossos, PLG I, 154 *apud* Portine, p. 91). Barthes (1984, p. 152) já observara a clareza e a concisão da escrita de Benveniste, assinalando, com isso, que nenhuma de suas palavras é supérflua.

função assertiva, ou a função da atribuição a um enunciado de um predicado de realidade, pertence ao plano da asserção da realidade.

Benveniste distingue a frase nominal da verbal da seguinte forma: a frase nominal não é suscetível das determinações da forma verbal: tempo, pessoa, tal como ocorre com a verbal. A frase nominal tem caráter intemporal, impessoal, não modal, afirmando uma certa "qualidade" como própria do sujeito. Benveniste observa que a frase nominal visa a convencer enunciando uma "verdade geral"; supõe o discurso e o diálogo; não comunica um dado de fato, mas um argumento de autoridade, diferentemente da frase verbal, utilizada em narrações e descrições. Benveniste conclui que a forma nominal e a forma verbal, assentadas sobre a função verbal assertiva, são opostas e complementares. Enquanto a frase nominal está fora do tempo, das pessoas, estando no texto para convencer, a frase verbal descreve uma situação no tempo, estando no texto para informar. Benveniste escreve ainda que a descrição do fenômeno sintático começa por uma definição de *diferença*, isto é, definição de diferença de natureza e não de grau. O autor escreve explicitamente que há uma diferença entre forma verbal (ou nominal) e função (verbal ou nominal). Como o seu objetivo é analisar um fenômeno sintático recorrente a inúmeras línguas, seu estudo parte da função para chegar às formas. Como o próprio autor afirma, há línguas em que forma e função coincidem, o que nos dá a impressão de raciocínio tautológico. Tal impressão ocorre justamente nas línguas da família indo-européia, nas quais a função verbal coincide com a forma verbal. Benveniste, ao destacar as diferenças de natureza entre a frase nominal e verbal, parte do mesmo método empregado para a análise da voz: comparação de duas funções (tipo de frase) em relação a um traço comum, a saber, a concepção de frase. No caso das funções da voz, o traço comum é a frase enquanto asserção de um processo verbal; no caso das funções dos tipos de frase, o traço comum é a frase enquanto enunciado assertivo da realidade.

Observamos uma diferença de conceituação de frase para os dois casos: na análise da frase nominal, a frase é dita enunciado, isto é, algo que foi dito; na análise da voz, a frase não é dita enunciado. Tal diferença reporta-nos à divisão da língua em Benveniste observada por Portine: as vozes verbais podem ser observadas na frase enquanto signo; os tipos de frase somente podem ser observados na frase enquanto enunciado. Surpreendemos aqui a situação limítrofe da sintaxe em Benveniste: (a) sintaxe enquanto diversas distribuições lineares de um mesmo signo (cf. diferença entre

médio e ativo pelo uso intransitivo ou transitivo de um mesmo verbo) e de paradigmas de signos (conforme a distribuição do paradigma verbal, dividido em valores das vozes verbais em "dar" (ativo) e "tomar" (médio) devido a diferentes relações sintagmáticas); (b) sintaxe enquanto enunciação de asserção da realidade, cujas modalidades (verdade absoluta ou ocasional) dependem duplamente da forma do enunciado em uma dada língua (presença ou ausência de um verbo) e da função (informativa ou argumentativa) nos discursos.

Não podemos deixar de ratificar a leitura de Barthes acerca da escrita de Benveniste: sua concisão e clareza revelam-nos imediatamente que uma única palavra, a saber, enunciado, diferencia os dois conceitos de frase para o autor. Com o estudo da frase nominal, Benveniste transpõe um limite: a frase enquanto discurso. Não podemos deixar de notar o tom estrutural da análise de Benveniste, que, ao seguir a máxima saussuriana de que o ponto de vista cria o objeto, propõe conceitos de frase diferentes para analisar fenômenos diferentes. Assim, uma análise de um fenômeno sintático que busque a passagem da língua à enunciação deve operar com dois conceitos de frase distintos, conceitos esses adequados aos seus respectivos níveis e ao fenômeno analisado. Assim, a análise da função voz *verbal* deve pressupor um conceito de *frase verbal*; a análise da função da frase nominal deve pressupor um conceito de *frase de asserção*.

4 O homem na língua: morfologia como sintaxe; sintaxe como enunciação

Nesse item, procuraremos demonstrar nossa hipótese de que, para Benveniste, o estudo da língua é, a partir do signo, o estudo da sintaxe da língua. Para isso, observaremos que um estudo, situado aparentemente na morfologia derivacional, é pertencente à morfologia, à sintaxe e à enunciação.

No texto *Os verbos delocutivos* (PLG I), Benveniste diz que, além da distinção entre verbos denominativos (derivados de nomes) e verbos deverbativos (derivados de verbos), há aqueles que derivam de locução, para os quais sugere o termo *delocutivo*. Para justificar a existência dessa classe de verbos parte do raciocínio: a formação do verbo latino *salutare*, "saudar", dá-se a partir de *salus* -*tis*; trata-se, pois, de um denominativo. No entanto, a relação entre *salutare* e *salus* evidencia outra relação, pois a base para *salutare* não é o vocábulo *salus*, mas a saudação *salus!*, "salve!". Assim, *salutare* não pode ser reduzido a *salus* enquanto nome, ou signo mas a

salus como locução, ou termo que se pronuncia. Tal raciocínio leva Benveniste a afirmar que boa parte dos verbos considerados *denominativos* mereceriam ter seu estudo revisado. Para ilustrar isso, o autor apresenta o caso de *saluere*. Segundo ele, consideradas apenas as relações morfológicas, poder-se-ia supor que o adjetivo *saluus* houvesse produzido dois denominativos verbais: *saluare* e *saluere*. Conforme Benveniste, o único denominativo da dupla é *saluare*, “tornar salvo, salvar”. *Saluere*, por sua vez, somente pode ser interpretado como derivação da saudação *salue!*. Benveniste admite ainda que um verbo possa tornar-se delocutivo a partir de uma forma denominativa. Para tanto, exemplifica com o caso de *ualere*. Para o autor, existe o verbo *ualere*. “ter força, ser eficaz”, no entanto, há um emprego específico desse verbo que pode ser considerado delocutivo. Trata-se do emprego na fórmula *te iubeo ualere*. Nesse caso, *ualere* não está em seu emprego normal tal como em *te iubeo uenere*, ou seja, *iubeo+ infinitivo*. Nas palavras do autor: “aqui *ualere* é um infinitivo convertido de *uale!* De sorte que *te iubeo ualere* equivale a *te iubeo: uale!* Assim a derivação sintática *uale!* > *ualere* dá a *ualere*, nessa expressão, uma função delocutiva” (p.308). Vale lembrar ainda que Benveniste alerta para a necessidade de não se confundir os delocutivos com verbos derivados de interjeições como o francês *huer*, “vaia”. De outro lado, alerta para a necessidade de não se confundir os delocutivos com o que a gramática tradicional chama de “verbos de desejo”. Segundo Benveniste, o delocutivo define-se não pelo conteúdo intencional mas pela relação formal entre uma locução e um verbo que denota o enunciado dessa locução. O essencial é, portanto, o fato de que um signo da língua possa derivar de uma locução de discurso e não de outro signo.

Benveniste inicia o texto propondo uma nova classe de verbos, os delocutivos, ao lado das classes já existentes, o que nos conduziria a propô-lo como decorrente de um processo morfológico comum, isto é, um signo derivado de outro signo. No entanto, logo a seguir, Benveniste defende a tese de que os delocutivos não derivam de um vocábulo, mas de um *sintagma* pronunciado. Benveniste instaura, com isso, uma diferença radical entre signo ou vocábulo e sintagma ou termo que se pronuncia. Tal diferença pode ser reconhecida por uma diferença morfológica (caso do par *saluare* e *saluere*, respectivamente, denominativo e delocutivo). Benveniste insiste mais fortemente sobre a diferença de sentido entre empregos aparentemente morfológica e sintaticamente idênticos: *te iubeo uenire* (denominativo) e *te iubeo ualere* (delocutivo). Até esse momento, Benveniste leva-nos à conclusão de que não se deve levar em consideração critérios puramente morfológicos ou

sintáticos para definição da classe dos verbos delocutivos e sim a relação semântica dos mesmos com um termo que se pronuncia.

Sublinhou-se a palavra puramente, pois a conclusão do texto de Benveniste apresenta uma ressalva que poderia ter passado despercebida: os delocutivos devem ser percebidos em sua *relação formal* com uma fórmula e não em seu sentido puramente. Na verdade, os delocutivos derivam de uma locução, ou seja, de uma *relação morfológico-sintático-semântica*. Assim, não basta o verbo ter sentido de “dizer” (tal como *huer*) ou base morfológico-sintática de verbo de “dizer” (tal como *ualere*). Flores e Silva (2002) enfatizaram as diferenças sintáticas entre verbos delocutivos e denominativos no português, tomando como pressuposta a necessidade de identidade morfológica entre verbo e locução. Assim, na frase: *A intenção desculpa o crime* (uso denominativo) em contraste com a frase *Ele desculpou-se e saiu* (uso delocutivo), eles concluíram que o verbo delocutivo depende de sujeito do tipo agente e objeto do tipo humano. No entanto, essa caracterização sintática não é suficiente, dado o seguinte exemplo, denominativo: *O médico desculpou-o pelo atraso*. Além disso, os exemplos *O prefeito parabenizou o engenheiro pela conclusão da usina* e *Ele parabenizou-o* são, respectivamente, denominativo e delocutivo, pois, apesar de ambos atenderem às condições sintáticas necessárias, o primeiro exemplo não retoma a locução “Parabéns!”. Os autores concluem que é preferível referir o termo *uso delocutivo a derivação delocutiva*, pois aquele enfatiza as diversas funções de um mesmo verbo.

Concluimos com isso que os verbos delocutivos derivam de locuções a partir de uma *relação morfológico-sintático-semântica* (nessa ordem), o que demonstra o princípio linguístico benvenisteano observado por Normand (1997): análise *d’emblée* (à primeira tentativa) da língua. Essa análise fica evidente em um dos termos de Benveniste: *derivação sintática*. Nesse texto, fica igualmente ratificada a concepção de “duas sintaxes” ou de “duas frases” para o autor, tal como já observado no artigo “A frase nominal”: a frase enquanto mecanismo gramatical, nesse caso, as relações morfológico-sintáticas pressupostas para a realização do delocutivo; a frase enquanto enunciado, nesse caso, as relações entre a base morfológico-sintática e o sentido da enunciação “dizer”.

5 Conclusão

A partir da leitura de textos de análise de Benveniste, concluímos que, para o autor, *um estudo da língua é um estudo da sintaxe da língua*. Observamos haver dois conceitos de sintaxe para Benve-

niste, conceitos esses que se confundem com o de frase: (1) sintaxe enquanto mecanismo gramatical, nas relações morfológico-sintáticas dos elementos frasais (sujeito, verbo e complemento); (2) sintaxe enquanto enunciado, nas relações entre o sentido da enunciação e a base morfológico-sintática. Cada uma dessas concepções de sintaxe atua para a formação do *sentido* da frase: as relações sintagmáticas constroem a escolha de uma forma (*sudarium* ou seu sinônimo *orarium*, voz ativa ou voz média) e um sentido constrange relações sintagmáticas (a mudança de sentido de *orarium*, as funções da frase nominal e verbal, a locução que origina um verbo delocutivo). As duas concepções de sintaxe estão imbricadas e foram separadas para que pudéssemos demonstrar o processo de constituição do sentido. Assim, são as relações morfológico-sintático-enunciativas as responsáveis pelo sentido da frase.

Constatamos, ainda, que Benveniste utiliza o método estruturalista de Saussure para análise da língua⁵: observação de uma definição de semelhança entre os elementos a serem estudados e em seguida uma definição de diferença. Esse é o procedimento adotado para o estudo do léxico religioso, das vozes, da frase nominal, dos verbos delocutivos e das preposições em latim, isto é, em praticamente todas as seções de seu *Problemas de linguística geral*. A definição comum é sempre uma concepção de frase (ou de sintaxe) e a definição de diferença são sempre funções opostas e complementares derivadas dessa concepção de frase. Em um texto, a saber, no estudo da frase nominal, afirma que sua análise é geral e constata diferenças de valor. Ele pondera que uma análise detalhada deve ser feita, mas que toda análise começa por diferenças de natureza e de valor e não de grau (PLG I “A frase nominal”, p. 180-181). Por exemplo, a definição comum para o estudo da frase nominal é a definição de frase como “asserção da realidade”, as definições de diferença são a definição de frase nominal “asserção da realidade de forma atemporal” e de frase verbal “asserção da realidade de forma temporal, ocasional”. A definição comum para

o estudo das vozes verbais é o de frase enquanto “asserção de processo verbal” e as definições de diferença são a definição da voz média “asserção de processo verbal em que o sujeito é fonte do processo” e de voz ativa “asserção de processo verbal em que o sujeito está dentro e fora do processo”. A definição comum do estudo de derivação é definição de frase como “asserção de signo lingüístico ou de locução da fala”, as definições de diferença são a definição da derivação denominativa “asserção de nome derivado de signo lingüístico” e a definição da derivação delocutiva “asserção de locução derivada de locução”. A definição comum é de natureza “subjacente”,⁶ ou seja, remonta à concepção de sintaxe como mecanismo gramatical. A definição de diferença é de natureza do uso e remonta à concepção de sintaxe como enunciado. As definições de diferença apresentadas não são de ordem enunciativa, pois, como o próprio autor sugere, ele não estudou, nesses textos, a sintaxe em sua relação com a enunciação. Temos apenas um esboço mais acentuado, a nosso ver, em “A frase nominal” e “Verbos delocutivos”. Se uma analogia nos é permitida, diremos que a análise da língua em Benveniste sempre parte de um fenômeno e o desdobra em dois: uma palavra em duas (*orarium* – *sudarium*), uma categoria gramatical em duas (voz ativa e média), um tipo de verbo em dois (frase verbal-frase nominal) e um tipo de verbo em dois (verbos delocutivos – verbos denominativos).

O par mínimo, o binarismo estrutural está, portanto, radicalmente presente nas análises do autor. Resumidamente: a análise de qualquer fenômeno lingüístico deve partir das formas (sintaxe enquanto mecanismo gramatical constante) em suas relações de identidade e diferença para observar um sentido geral do fenômeno estudado (a saber as relações verbo-sujeito-objeto) e, a seguir, observar essas formas em uso. Nesse e apenas nesse momento, a frase passa a ser considerada em relação à enunciação, isto é, ao sentido e à referência a uma situação de *eu-tu-aqui-agora*.

⁵ Lopes (1997, p. 117-123) descreve o funcionamento do método estruturalista de Saussure. Ele chama de *perspectiva sintética* ou *identidade* aquilo que denominamos definição comum, e *perspectiva analítica* ou *diferença*, o que denominamos definição de diferença. Essa dupla análise advém do princípio saussuriano de que é o ponto de vista que cria o objeto. Na perspectiva sintética, há a conjunção de unidades em nível superior, o que nos permite definir o *valor* (ou *sentido*) do elemento. Na perspectiva analítica, há disjunção de um *continuum* em nível inferior, o que nos permite atingir a *forma dos elementos*. Essas duas operações são complementares e indissociáveis. Não podemos deixar de observar semelhanças entre a descrição de Lopes e a empreendida por Benveniste em “Os níveis de análise lingüística”, através do par *dissociação/integração*.

⁶ Esse termo é usado em “Para uma semântica da preposição *vor*” (PLG II, p. 144). Portine (1997, p. 86-87) se pergunta se Benveniste não se aproximaria de uma análise gerativa. Para ele, essa aproximação é “tentadora”, mas pouco provável, pois Benveniste escreve “A frase nominal” antes dos estudos de Chomsky. O autor não esboça uma conclusão definitiva a esse respeito, deixando sugerido que se trata apenas de uma *aproximação*. Em todo caso, tomamos o termo “subjacente” para concepção de sintaxe enquanto mecanismo gramatical como o conjunto de características abstratas dos elementos da frase observado em *uma única* língua, sem termos a pretensão de imputá-lo a várias línguas.

Referências

- BARTHES, R. Por que gosto de Benveniste. In: *O rumor da língua*. Lisboa: Edições de 70, 1984.
- BENVENISTE, E. Os níveis de análise lingüística. In: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 1988.
- . A frase nominal. In: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- . Ativo e médio no verbo. In: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- . Os verbos delocutivos. In: *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes, 1988.
- BENVENISTE, E. Difusão de um termo da cultura: o latim *orarium*. In: *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.
- BOUQUET, S. *Introdução à leitura de Saussure*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- FLORES, V. N. *Princípios para a definição do objeto da lingüística da enunciação: uma introdução (primeira parte)*. IN: *Letras de Hoje*. v. 36, n° 4. Porto Alegre: 2001, p. 7-67
- ; SILVA, S. *Derivação delocutiva: um estudo do processo de formação de verbos do português*. Porto Alegre: UFRGS, 2002 (Relatório técnico-científico).
- LOPES, E. *A identidade e a diferença: Raízes históricas da estrutura da narrativa*. São Paulo: EDUSP, 1997.
- NORMAND, C. Os termos da enunciação em Benveniste. In: OLIVEIRA, S. L. et al. *O falar da linguagem*. São Paulo: Lovise, 1996.
- . Emile Benveniste: quelle sémantique? In: *Du dire et du discours. Hommage à Denise Maldidier*. Paris: Linx, 1997, p. 221-228.
- PORTINE, H. Benveniste et la question de la fondation d'une syntaxe. In: NORMAND, C.; ARRIVÉ, M. (orgs.). *Émile Benveniste vingt ans après. Colloque de Cerisy*. Paris: Linx, 1997.
- SAUSSURE, F. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1976.